

Alastair MINNIS – Rosalynn VOADEN (ed.), *Medieval Holy Women in the Christian Tradition c. 1100-c. 1500*, Brepols, Turnhout 2010; pp. 303; ISBN: 978-2-503-53180-9.

Para além de estudos dedicados a várias mulheres medievais que se destacaram

pela sua vida e obra, este volume inclui ainda cinco ensaios introdutórios sobre o contexto histórico-social em que a vida destas mulheres floresceu. Alastair Minnis – antigo director do Centre for Medieval Studies e actualmente professor de Inglês da Universidade de Yale – e Rosalynn Voaden – actualmente professora de Inglês na Universidade de Arizona – reúnem neste volume os trabalhos de especialistas de várias áreas, o que resultou numa volumosa e útil obra sobre o contributo da mulher para a cultura e espiritualidade medievais.

Como os próprios editores indicam, a obra pretende ser uma introdução à vida de várias mulheres que entre os séculos XII e XV conseguiram divulgar a sua experiência da “bondade de Deus”. Trata de mulheres que pela sua vida atraíram o interesse dos seus contemporâneos. Poderá parecer exagerado incluir sob o epíteto de santas (holy) mulheres que à luz da época foram consideradas hereges, como Marguerite Porete, ou mulheres que tiveram vidas controversas como Heloísa. No entanto, sob a designação de “santas”, os editores quiseram incluir mulheres que de alguma forma conseguiram ter uma voz no âmbito da teologia ou que adquiriram um nível de sabedoria superior ao da maioria, assim como mulheres que viveram vidas de extrema piedade e devoção ou que eram consideradas santas pelas comunidades nas quais estavam integradas.

O período escolhido pelos autores justifica-se pelo extraordinário desenvolvimento da piedade feminina que resultou muitas vezes em obras, como o caso de Hildegarda, e em outro tipo de documentação, como biografias escritas por confessores. Esta singular difusão e desenvolvimento da piedade feminina foram em grande parte incentivados pela crescente autoridade de Aristóteles no mundo filosófico e cultural da época. O “Filósofo” considerava que a mulher também poderia desempenhar a função de governante secular e valorizava o papel da mulher na gestão da vida doméstica.

O volume consta de sete partes organizadas segundo uma distribuição geográfica. Cada parte é composta por capítulos dedicados a mulheres individualmente, como Julian Norwich, Margery Kempe (Ilhas Britânicas), Heloísa, Marguerite Porete (França), Hildegarda de Bingen, Elisabeth de Schönau, Margaret Ebner, Mechthild de Magdeburg, Mechtild de Hackeborn, Gertrudes de Helfta e Dorothy de Montau (Territórios Germânicos; inclui Alemanha, Polónia e Áustria), Agnes de Praga, Ângela de Foligno, Catarina de Siena (Itália), Hadewijch (Países Baixos). E capítulos gerais, como é o caso da Península Ibérica e Escandinávia.

Quanto à Península Ibérica pelo menos Beatriz da Silva mereceria um estudo individual já que a portuguesa foi fundadora de uma importante Ordem religiosa

(Ordem da Imaculada Conceição). Quanto a Portugal, mais especificamente, o autor, Ronald E. Surtz, refere as três irmãs Teresa, Sancha e Mafalda, Isabel de Portugal, a já referida Beatriz da Silva e Filipa de Lencastre.

Cada capítulo é acompanhado de uma útil bibliografia, que oferece informações sobre manuscritos, edições críticas e principais estudos.

No primeiro ensaio geral, Dyan Elliot, mostra como a espiritualidade feminina medieval estava enraizada no corpo, isto é, a mulher medieval experimenta o divino no corpo e através do corpo.

O ensaio seguinte, da autoria de Alastair Minnis, reflecte sobre os conceitos de discurso feminino privado e discurso feminino público e como a interpretação destes conceitos foi usado para suprimir o sacerdócio feminino, como afectaram a construção da imagem de mulher santa, como a sua interpretação está estreitamente relacionada com a abertura de novas possibilidades para o trabalho da mulher na igreja e ao mesmo tempo como a vedaram a outras oportunidades, e como algumas mulheres conseguiram cruzar estas linhas permanecendo no entanto fiéis à ortodoxia.

John Coakley, no terceiro estudo geral, trata da autoridade dos textos sobre e escritos por mulheres. E mostra que na “construção” da santidade feminina era necessária a colaboração ou mediação de um clérigo masculino que confirmasse a veracidade da relação directa de determinada mulher com o divino, o que colocava o problema da mediação da igreja e o perigo da heresia, pois considerava-se que apenas a igreja institucional podia falar por Deus.

John Van Engen escreve sobre biografias colectivas sobre mulheres e escritas por mulheres. Refere algumas das escritoras destes livros – os *vitae sororum* – do contexto alemão e holandês, normalmente prioresas de conventos ou religiosas provenientes de famílias ilustres.

O estudo introdutório de Peter Biller sobre mulheres dissidentes é particularmente interessante, pois traz à luz alguns traços de vários movimentos na época considerados heréticos e dos quais também as mulheres participavam, tais como os cátaros, lollardos e valdenses. O capítulo inicia com uma breve introdução à ideia que os clérigos medievais tinham acerca da mulher e da heresia e termina com uma breve exposição acerca da mulher e a heresia no mundo pós-medieval.

Os restantes textos do volume incidem sobre vários aspectos biográficos de mulheres originárias de vários locais do mundo ocidental.

O volume foi elaborado para um público mais vasto, não-especialista, mas

ao mesmo tempo é um bom instrumento para especialistas, já que inclui na bibliografia um razoável número de estudos que permitem aprofundar o tema.

Índice:

*Introduction* - Alastair Minnis and Rosalynn Voaden (pp. 1-9);

Introductory Essays: *Flesh and Spirit: The Female Body* - Dyan Elliott (13-46); *Religious Roles: Public and Private* - Alastair Minnis (47-81); *Women's Textual Authority and the Collaboration of Clerics* - John Coakley (83-104); *Communal Life: The Sister-books* - John Van Engen (105-131); *Women and Dissent* - Peter Biller (133-162);

Part 1: The British Isles: *Holy Women in the British Isles: A Survey* - Anne Clark Bartlett (165-193); *Julian of Norwich* - Liz Herbert Mcavoy (195-215); *Margery Kempe* - Anthony Goodman (217-238).

Part 2: France: *Holy Women in France: A Survey* - Renate Blumenfeld-Kosinski (241-265); *Heloise* - Constant Mews (267-289); *Marguerite Porete* - Michael Sargent (291-309);

Part 3: The German Territories: *Holy Women in the German Territories: A Survey* - Anneke Mulder-Bakker (313-341); *Hildegard of Bingen* - Kathryn Kerby-Fulton (343-369); *Elisabeth of Schönau* - Anne I. Clark (371-391); *Margaret Ebner* - Barbara Koch (393-410); *Mechthild of Magdeburg* - Amy Hollywood and Patricia Z. Beckman (411-430); *Mechtild of Hackeborn* - Rosalynn Voaden (431-451); *Gertrude the Great of Helfta* - Alexandra Barratt and Debra I. Stoudt (453-473); *Dorothy of Montau* - Ute Stargardt (475-496);

Part 4: The Iberian Peninsula: *Iberian Holy Women: A Survey* - Ronald Surtz (499-525).

Part 5: Italy: *Italian Holy Women: A Survey* - E. Ann Matter (529-555); *Agnes of Prague and Guglielma of Milan* - Barbara Newman (557-579); *Angela of Foligno* - Cristina Mazzoni (581-600); *Catherine of Siena* - Suzanne Noffke (601-622);

Part 6: The Low Countries: *Holy Women of the Low Countries: A Survey* - Walter Simons (625-662); *Hadewijch* - Saskia Murk-Jansen (663-685);

Part 7: Scandinavia: *Holy Women of Scandinavia: A Survey* - Claire Sahlin (689-723).

Index

Patricia Calvário  
(Gabinete de Filosofia Medieval / Instituto de Filosofia da UP)